

Autor também brilhou como ensaísta

Nascido em 1936, Mario Vargas Llosa construiu uma obra imensa, que conquistou leitores em todos os cantos do mundo. Em 2010, ganhou o Nobel de Literatura, não sem antes ter abocanhado o Princesa de Astúrias, o Cervantes e o PEN. Sua obra é marcada por uma combinação obstinada entre ficção e política, em contraposição à García Márquez, seu colega de geração, que abandonou o realismo para mergulhar no universo do maravilhoso.

Habilidoso com as palavras, os romances de Vargas Llosa cativam o leitor desde a primeira página. Com uma enorme facilidade de mesclar ficção e elementos da realidade pôde abordar questões políticas e sociais latentes e atuais, de modo literário. Em suas páginas, estão as ditaduras, a corrupção política e os conflitos sociais da América Latina. Um de seus livros mais conhecidos é “A Festa do Bode”, publicado em 2000, que retrata os anos de ditadura de Rafael Trujillo na República Dominicana. Nessa obra, Vargas Llosa habilmente entrelaça a história do ditador com a vida de personagens fictícios, inspirados nas histórias de suas vítimas que não sobreviveram para contar a história. Cria-se, no livro, um retrato vívido e perturbador da tirania e suas consequências. Outro, que figurava entre seus preferidos particulares, é “A Guerra do Fim do Mundo”, para onde voltou as atenções e criou uma obsessão pelo nosso conflito de Canudos.

Além de seu trabalho como romancista, Vargas Llosa também é um prolífico ensaísta e jornalista, utilizando sua voz para expressar suas opiniões sobre diversos assuntos. Ele é conhecido por sua defesa da liberdade de expressão e dos direitos humanos, e já se envolveu ativamente em campanhas políticas e debates públicos. Meteu-se, em vários países da região, em debates locais, ao defender a eleição de um outro candidato a presidente, no Brasil, na Argentina, no Chile e outros.

Curiosamente, em contraposição a suas ideias políticas nos dias de hoje, que são mais à direita, Vargas Llosa começou a atuar na literatura e na política ao lado da Revolução Cubana. Era um aliado do castrismo até o caso de Herberito Padilla. Se tratava de um



Reprodução

Outrora amigos, Mario Vargas Llosa e Gabriel García Márquez, romperam por questões políticas e a situação se agravou ainda mais depois que o peruano deu um soco no colombiano dentro de uma cinema em função de uma desavença pessoal

poeta e escritor cubano que, em 1971, começou a fazer críticas à Revolução. Preso, ensinou que vários intelectuais e escritores se mobilizassem por ele, inclusive Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir.

Vargas Llosa também foi um deles. E, a partir da desilusão causada por esse episódio, o peruano começou a se afastar da esquerda. Nas décadas seguintes, se viu muito envolvido na política de seu instável país, o Peru, a partir de então sempre se posicionando contra soluções consideradas populistas. Foi candidato à presidência em 1990 contra quem viria a se tornar o ditador do país, Alberto Fujimori, mas perdeu para ele.

Nos últimos tempos, vinha apoiando a presidente em exercício no poder, Diana Boluarte, que enfrenta crise de legitimidade, uma vez que herdou o poder de Pedro Castillo, que renunciou e tentou dar um autogolpe.

Em 2010, Mario Vargas Llosa recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em reconhecimento à sua contribuição excepcional para a literatura mundial. Esse prestigioso prêmio

solidificou ainda mais sua posição como um dos grandes escritores contemporâneos e trouxe maior visibilidade às suas obras.

Uma das disputas literárias mais conhecidas e significativas do século 20 foi a briga entre Mario Vargas Llosa e Gabriel García Márquez. A amizade entre esses dois renomados escritores teve início na década de 1960, quando eram parte do “boom latino-americano”. No entanto, a relação deles deu uma reviravolta dramática na década de 1970, quando surgiu um conflito pessoal e político entre eles.

O conflito entre Vargas Llosa e García Márquez foi multifacetado, enraizado tanto em diferenças artísticas quanto em desacordos políticos. Seus estilos de escrita contrastantes e abordagens narrativas se tornaram fonte de contenda, com Vargas Llosa favorecendo uma abordagem mais analítica e estruturada, enquanto García Márquez abraçava o realismo mágico e um estilo mais lírico e expansivo.

No entanto, a disputa entre os dois autores foi além das diferenças literárias. Suas

posições políticas opostas também contribuíram para a tensão em seu relacionamento. Vargas Llosa inclinava-se para a ideologia liberal, defendendo a democracia e os mercados livres, enquanto García Márquez mantinha uma maior afinidade com a política de esquerda e os princípios socialistas.

O clímax de sua disputa ocorreu quando Vargas Llosa e García Márquez se envolveram em uma briga física durante num encontro público. A razão teria sido um desentendimento por conta da mulher do peruano, Patricia Llosa, que havia sido namorada de Gabo anteriormente. Terminou com Gabo levando uma bofetada de Vargas Llosa em um cinema, diante de todos.

Esse evento marcou o fim definitivo de sua amizade e deixou um impacto duradouro no mundo literário.

Indagado sobre a relação entre ambos, Vargas Llosa afirmou que jamais voltaria a falar de Gabo no plano pessoal, mas que seguiria elogiando a magnitude de suas obras. Isso seguiu fazendo depois da morte do colombiano.